

Centro de Cidadania LGBTI Cláudia Wonder

Cartas do Casarão,

*9 histórias
de pessoas trans*



Brenda Fucuta
Ilustrações de MariaB.

Cartas do Casarão,

*9 histórias
de pessoas trans*

*Dados Internacionais de
Catalogação na Publicação (CIP)*

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fucuta, Brenda

Cartas do Casarão,
9 histórias de pessoas trans

Ilustrações: MariaB.

Diagramação: Douglas Mariano

Fonte: PT Serif Pro

ISBN 000-0-00-000000-0

2022

Todos os direitos desta edição reservados
aos autores e ao Casarão Brasil.

Índice

Prefácio	05
Carta ao Leitor	13
Carta de Allian	16
Carta de Bianca	25
Carta de Camila	33
Carta de Carla	40
Carta de Eloá	52
Carta de Isabela Fafá	59
Carta de Janaína	68
Carta de Paola	76
Carta de Roberta	85

Prefácio

Entrei no Centro de Cidadania LGBTI Claudia Wonder pela primeira vez para levar algumas cestas básicas. Auge da pandemia, março de 2021. Rogério de Oliveira, coordenador do Centro, me recebeu com um tour pelo simpático sobrado rosa e azul que são as cores da bandeira trans que fica na Lapa, zona oeste de São Paulo. Vi a recepção, caprichosamente decorada em tons rosados, a cozinha, com equipamento industrial, o escritório onde trabalham assistentes sociais, psicólogo, pedagoga, funcionários administrativos. Passei pelo depósito de doações e pelos quartos, transformados em salas de aulas de panificação, maquiagem, administração financeira, noções de microempreendedorismo, entre outras. Rogério me apresentava seu projeto como alguém que acaba de se mudar e se sente orgulhoso ao abrir as portas da casa para os amigos.

Na hora de bater papo, nos sentamos ao ar livre, perto da horta de temperos, próximos do mural da artista Claudia Wonder, desenhado por Raul Zito artista. Eu me apresentei como jornalista e candidata a voluntária. Rogério de Oliveira, por sua vez, fez uma descrição detalhada da organização que dirige.

O Centro integra a rede de equipamentos da Secretaria Municipal de Direitos Humanos, Coordenação de Políticas para LGBTI, da Prefeitura de São Paulo, no atendimento a populações vulneráveis. É também filhote do Casarão Brasil, entidade que funcionou na rua Frei Caneca 1057, em São Paulo, entre 2008 e 2013 e teve a multiartista Claudia Wonder em sua equipe de contratados. “Quis homenagear a Claudia porque ela foi uma defensora muito importante da causa trans em São Paulo”, explica Rogério, presidente do Casarão Brasil, entidade que faz a gestão do Centro. Transexual, Claudia, ícone da cultura gay de São Paulo, faleceu em 2010, aos 55 anos.

Mensalmente, são atendidas 500 pessoas da popu-

lação LGBT. Na unidade móvel, com a logomarca do Centro, que percorre as ruas do centro da cidade e da zona oeste, elas podem efetuar denúncias de transfo-
bia, recebem material informativo sobre saúde, direi-
tos humanos, auto teste de HIV e encaminhamentos
de acordo com as demandas. Frequenta presencial-
mente o sobrado uma média de 130 pessoas. Estas
costumam integrar o programa Transcidadania, cria-
do pelo município de São Paulo em 2015 para pro-
mover a reinserção de pessoas trans na escola. Por
causa do programa, travestis e homens e mulheres
trans voltam a estudar, tendo garantidos o transpor-
te escolar e alimentação por dois anos, por meio da
bolsa mensal de 1 salário mínimo. Durante a pande-
mia, também receberam cestas básicas. Ter o ensino
médio completo é essencial para quem quer deixar “a
pista” (as ruas, durante a noite]) frequentada pelas
profissionais do sexo. “As chances de entrar em um
emprego formal só com o ensino fundamental são li-
mitadas”, explica Rogério. “Por isso, a gente insiste

na formação delas como microempreendedoras, além da continuação dos estudos.” Você vai ver, nas cartas que se seguem, o relato de muitas mulheres trans sobre o sonho de ter seu próprio negócio ou de cursar uma faculdade.

No sobrado, que é conhecido como Casarão por causa da ligação com o Casarão Brasil, moram histórias felizes, de gente que sai da rua para voltar ao mercado de trabalho e a uma moradia digna. Mas tem muita história triste também. Relato do Rogério Oliveira:

“Nós atendemos gays e lésbicas, mas a população que mais nos procura é a de trans, porque é a mais vulnerável, a que está morando na rua ou fazendo programas como profissionais do sexo. Boa parte das mulheres trans e travestis chega a São Paulo em busca de trabalho e acaba indo parar nas casas das cafetinas. E cada pessoa que chega nessas casas é um corpo novo para explorar nas ruas. Tem cafetina que se preocupa, uma delas chegou a nos procurar na pandemia porque tinha interrompido o trabalho para proteger

as meninas e precisava de ajuda para alimentá-las, mas a maior parte não. Deixam as meninas injetar silicone industrial na ânsia de mudar o corpo. A gente reconhece na hora o problema que isso acarreta quando vemos seus pés e pernas inchados e a dificuldade de andar causada pelo silicone! Essas meninas não contam com ninguém. Geralmente, a primeira violência que sofreram foi na família.”

Algumas vezes, a última violência vem da família também. Rogério conta que, durante a pandemia, duas mulheres trans atendidas pelo Centro morreram com Covid e não contaram com pais ou irmãos para enterrá-las. “Para não partirem como indigentes, nós daqui do Centro auxiliamos no sepultamento.”

Como toda pessoa que trabalha em organizações não-governamentais, Rogério tem muitos projetos. Um deles: colher cartas dos frequentados do Centro. Eu disse a ele que poderíamos fazer isso juntos. E foi assim, de forma despretensiosa, que começou este pequeno livro. O processo de tomada das cartas foi

longo, interrompido por muitos picos da pandemia, mas emocionante e gratificante.

A cada entrevista, eu lançava o desafio: “Quer escrever uma carta para alguém importante na sua vida?”

Dessa maneira, me sentindo um pouco a Fernanda Montenegro no filme *Central do Brasil*, começava minha interação com os entrevistados. Falei com dez pessoas, todas trans, oito mulheres e dois homens. Um deles mudou de ideia no meio do caminho e quis sair do projeto. Aos nove que ficaram, eu agradeço imensamente pela disposição em contar sua história no quintal daquele sobrado, atrasando sua volta para casa ou perdendo as aulas das oficinas que aconteciam ao nosso lado.

Você, leitor, vai notar similaridades nas histórias. Um número muito grande de pessoas que vieram para São Paulo em busca de trabalho ou do sonho de mudar o corpo. Uma presença avassaladora de prostituição como meio de sobrevivência. O desejo, que às vezes amarga, de encontrar o grande amor. Drogas, bebida,

abusos, violências. Pequenas alegrias, vontade de recomeço.

A coleção de cartas não tem a ousadia de representar a população trans e travesti do país. Nem mesmo a população de São Paulo. Mas os relatos coincidem em muito com dados de um estudo publicado em 2021, o Primeiro Mapeamento das Pessoas Trans no Município de São Paulo[1]. Diz a pesquisa que 63% das travestis nasceram em outros municípios ou regiões brasileiras. 75% dos entrevistados são solteiros, com dificuldade de manter relacionamentos afetivos estáveis. Quase metade saiu de casa expulsa pelos pais ou por conflitos com a família. 70% perceberam que não havia correspondência entre o gênero de nascimento

O estudo Primeiro Mapeamento das Pessoas Trans no Município de São Paulo, de 2021, foi organizado pelo Cedec – Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, entrevistou 1788 travestis, mulheres trans, homens trans e não binários da cidade de São Paulo. A pesquisa foi realizada com verba de emenda parlamentar disponibilizada pelo vereador Eduardo Suplicy.

e a identidade de gênero entre os 5 e os 15 anos de idade.

Por outro lado, cada história é única e cada contador de sua própria história tem uma personalidade singular. Procurei preservar a alma do narrador na edição dos textos. Mais uma vez, agradeço aos meus entrevistados pela confiança que depositaram em mim. Espero que estas cartas cheguem aos seus destinatários que, na verdade, somos todos nós. Pais, mães, tios, avós, professores, empresários, donos das vagas de emprego, clientes, vizinhos... Nós, que ainda não conseguimos impedir a rejeição, a discriminação e a violência contra pessoas trans e travestis. Nós, que podemos lutar a favor de vidas menos sofridas. Nós, que não precisaremos mais escrever cartas como essas, tão machucadas.

*Brenda Fucuta, São Paulo,
15 de janeiro de 2022*

Carta ao Leitor

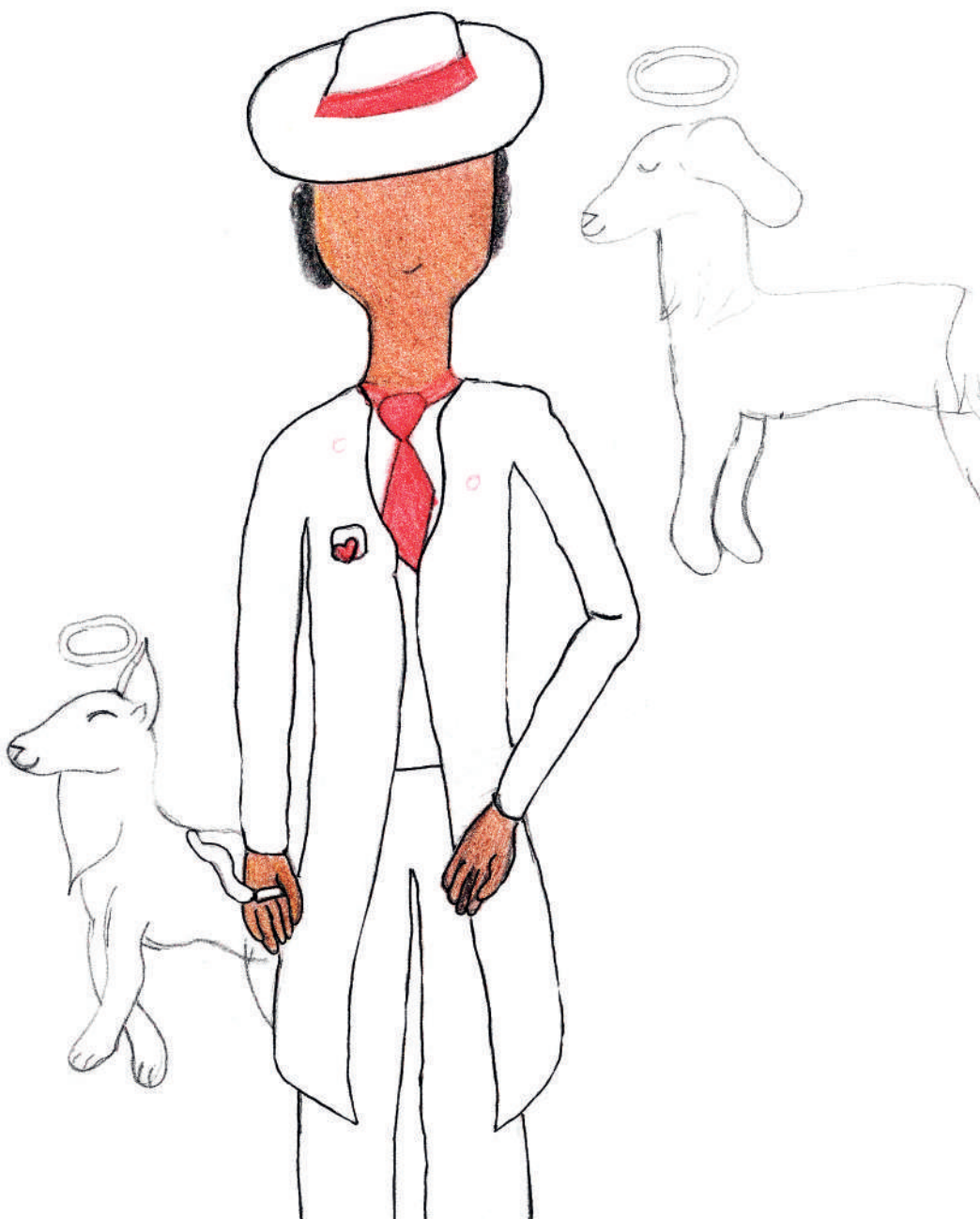
(IN)Visibilidade é o caráter, condição, atributo do que é ou pode ser visível, ser percebido pela visão. Quando pensamos na população de travestis, mulheres transexuais e homens trans percebemos uma invisibilidade social perante essas pessoas. Podemos passar uma vida inteira sem ter qualquer contato com uma travesti, uma mulher transexual ou um homem trans! Por que? Porque para a sociedade brasileira eles são invisíveis. Não é dada oportunidade nas escolas, nas universidades, nas empresas, na mídia (nesse caso lhes é relegada apenas a página policial, estigmatizado ainda mais essas pessoas) no convívio social. São identidades e corpos objetificados socialmente, recebendo um “passaporte social” que lhes dá acesso apenas à prostituição. Não a toa que o Brasil é o país que mais consome porno-

grafia trans e também o que mais as/os mata! É necessário, então, que as políticas públicas dêem conta de transpor esse espaço de INvisibilidade para espaços de cidadania e de respeito. Assim, em 2008, surgiu o Programa Operação Trabalho LGBT, embrião do atual TransCidadania. Programas que visavam e visam a elevação de escolaridade, a profissionalização, a reinserção no mercado de trabalho, a autonomia. Só então poderemos falar de respeito. Se em 2008 a “desculpa” do mercado de trabalho para a não inserção de travestis, mulheres transexuais e homens trans era a falta ou baixa escolaridade, os programas vieram para inverter essa lógica perversa. Hoje a “desculpa” recai na falta de conhecimento e preparo para receber esse público. Mas esta não pode e nem deve ser uma desculpa, pois assim como a população de travestis, mulheres transexuais e homens trans vem se formando e profissionalizando, as empresas e seus setores de

recursos humanos também precisam se (in)formar e estarem aptos a receberem essas/esses profissionais! Seguimos na construção dessas políticas, visando, acima de tudo, a visibilidade social, para que traves-tis, mulheres transexuais e homens trans possam efetivamente fazer parte da vida e do convívio social.

*Cassio Rodrigo,
Coordenador de Políticas LGBTI
da Cidade de São Paulo*

Carta de Allian



“Fui homem nas minhas vidas passadas e hoje sou Allian, estudante da oitava série de uma escola no Cambuci, onde, pela primeira vez, eu recebo nota 10 dos professores. Faço qualquer oficina [no Centro de Cidadania LGBTI Claudia Wonder] que aparece porque eu quero continuar aprendendo. Em 2021, daqui a um mês, vou me formar no ensino fundamental. Aos 55 anos.”

*Allian Lian Costa, homem trans,
estudante, 55 anos, paulista*

Carta para o universo,

não existe coincidência. Não sei você, mas eu acredito nisso, nada acontece por acaso. Perdi o emprego de segurança na pandemia, precisei morar em um abrigo para mulheres – eu, sendo homem, de alma, desde menino – e, depois, em um quartinho no bairro do Glicério, em São Paulo. Quarto sujo, com baratas, ratos, sem banheiro, tão pequeno que nem cabia uma cama direito. Eu estava muito desanimado, nossa, e fiz um pedido para o universo, para a espiritualidade que me guarda. Pedi uma luz.

Numa noite, tive um sonho com um dos meus guardiões do candomblé, religião africana. Foi com o Zé Pelintra, que considero meu pai, e ele me disse:

“Filho, eu vou abrir as porteiras para você estudar e crescer”.

Eu tenho 55 anos, mal terminei a quarta série. Fui carroceiro por muito tempo e, depois, segurança. “O que eu, nessa idade, meu pai, posso conseguir?”

“Nunca é tarde para subir na vida”, respondeu ele.

“Estou velho”, eu disse.

“Não, meu filho, você tem muito caminho pela frente.”

De manhã, acordei alegre, acendi a vela para o guardião. Deixei o cigarrinho e a bebidinha que ele gosta. Agradei e perguntei: “E agora? Para onde você indica que eu vá se quero estudar?”

Alguma coisa dizia que eu deveria ir para uma casa de convivência, no centro da cidade, o Sefras [Serviço Franciscano De Solidariedade], um espaço para pessoas em situação vulnerável. Eu gostava muito

de uma das coordenadoras desse espaço, a Adriana, e perguntei se ela podia me ajudar, se tinha algum jeito de eu voltar para a escola. Ela me indicou para o Transcidadania [programa da prefeitura de São Paulo que promove a reinserção social de travestis, mulheres e homens trans]. Não sou de puxar saco, não sou desse tipo, pelo contrário. Eu era conhecido por ser um cara briguento, desconfiado. Mas esse programa me transformou. Sabe por quê? Com ele, sinto que posso falar de igual para igual com qualquer um. Pela primeira vez na vida, eu me sinto acolhido. Sabe o que é isso? É como se sentir parte de uma família. Eu não fazia parte de família desde pequeno, desde que me entendo por gente, desde que me lembro do meu padrasto me espancando.

Aos 16 anos de idade, eu e minha irmã gêmea saímos de casa, fugimos. Eu consegui um emprego de office boy, ela virou vendedora de loja. Moramos juntos algum tempo no apartamento de umas amigas. Mais tarde, quando nos distanciamos, ela virou garota de

programa. Fiquei cinco anos trabalhando de office boy. Quando perdi o emprego, na mesma época perdi minha irmã, a gente se separou. Uma dor que carrego é este relacionamento ruim que tenho com ela hoje. Eram os anos 90. Fui para a rua ganhar a vida com reciclagem. Arrumei uma carroça, instalei lanterna, tocafita e TV com bateria. Muito chique, era a minha casa. Eu levava comigo um colchão de dormir e meus cachorros, um doberman e um pastor alemão que gachei de um colega. Esses cachorros já morreram de velhice, mas enquanto viveram foram meus filhos. Eu cuidava deles, eles cuidavam de mim.

Sempre fui magrinho, mas nunca tive medo. Claro que na rua não se brinca, eu carregava dezoito facas na minha carroça. O principal é que ninguém mexia comigo porque sabiam que eu praticava artes marciais. Nas artes marciais, o que importa é o equilíbrio, não a força bruta. Por isso, apesar de magrinho, eu conseguia levar minha carroça pela cidade. E, olha, carroça dá dinheiro. Foi com o dinheiro dela que pa-

guei meu curso de segurança.

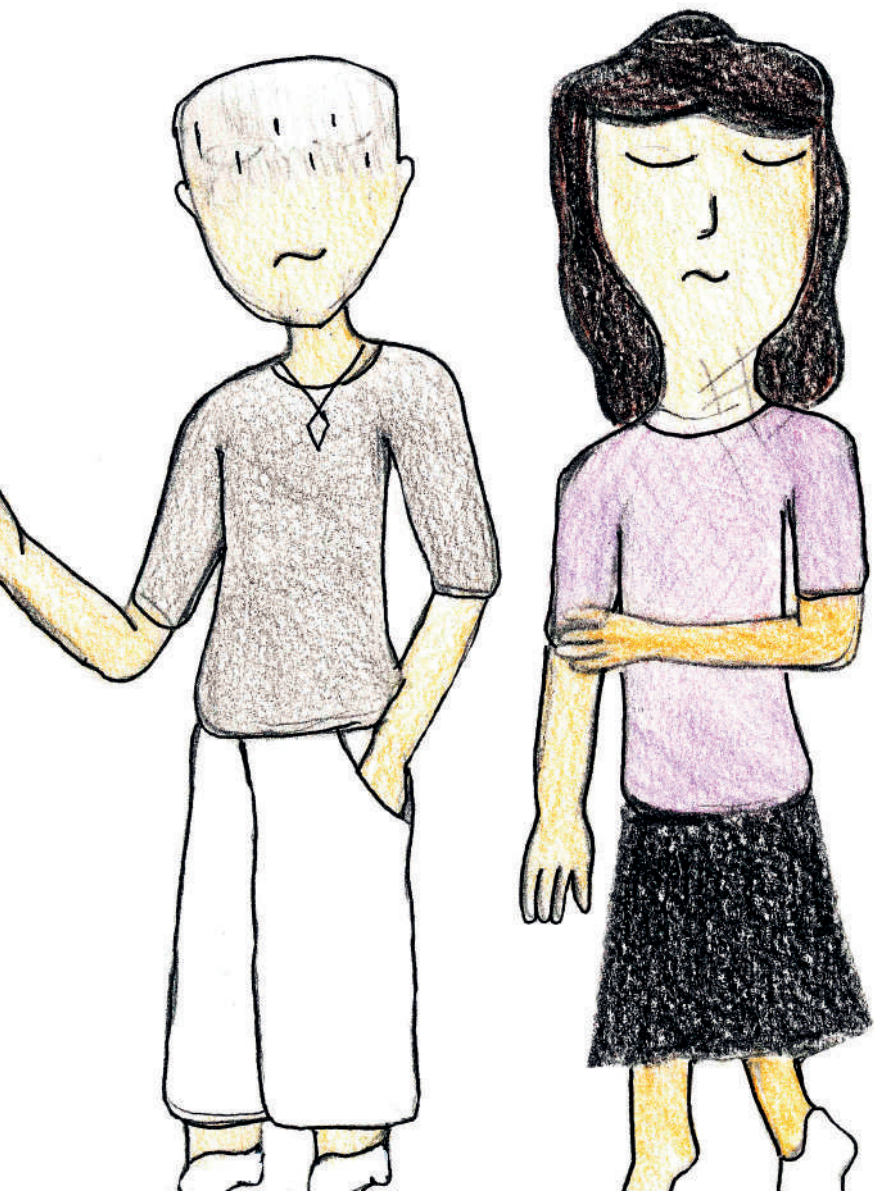
Peraí, me perdi. Estava falando de quando eu fui pedir ajuda para o universo e para o guardião. A Adriana também me disse para eu buscar o Centro de Cidadania LGBTI Claudia Wonder na Lapa, eles podiam me ajudar. Me lembro que, andando na rua, em direção do lugar, passei na frente de uma loja de artigos religiosos. Acredita que o Zé Pelintra estava sentado na calçada me apontando a direção do meu destino? Eu repito: não existe coincidência.

Dois meses depois, fui aceito no programa. Me inscrevi com meu nome de verdade: Allian, que consegui mudar na certidão de nascimento faz pouco tempo. Não sou mais Simone Regina, aliás nunca foi. Fui homem nas minhas vidas passadas e hoje sou Allian, estudante da oitava série de uma escola no Cambuci, onde, pela primeira vez, eu recebo nota 10 dos professores. No Claudia Wonder, faço curso de inglês, de empreendedorismo, de educação financeira, de teatro. Faço qualquer oficina que aparece porque eu

quero continuar aprendendo. Em 2021, daqui a um mês, vou me formar no ensino fundamental. Aos 55 anos. Na minha vida de carroceiro, nunca me deixei dominar pela violência das ruas, pela maldade das pessoas. Aprendi que a gente tem que continuar lutando, não se pode perder a fé. Comecei essa carta falando do lugar horrível onde eu morava. Hoje, agradeço ao universo e ao meu guardião porque moro em um lugar digno, com quarto, cozinha e banheiro. Minha casa é uma gracinha, decorada com os móveis que pego na rua. Tem hábitos que a gente não abandona [risadas]. Ah, também tenho uma gatinha que mora comigo.

Não sou mais briguento, tenho orgulho de mim mesmo. Eu notei que o estudo melhorou a mim como pessoa, por isso quero continuar estudando, evoluindo. Quem sabe, com paz, eu também possa ajudar outras pessoas?

Carta de Bianca



“Eu nunca gostei de conhecer pessoas pelas redes sociais, tem muita violência nesse meio, principalmente contra mulheres trans. Nas poucas vezes que converso com alguém, vou logo dizendo que sou travesti, não quero ter problemas depois quando encontrar a pessoa. Mas, com você, não teve nenhum problema desse tipo, foi normal.”

*Bianca Pereira de Lucena, mulher trans,
faxineira, 42 anos, paulista*

Carta para meu marido,

Alberto, quando a jornalista pergunta para quem eu quero escrever essa carta, não consigo pensar em outra pessoa, só em você. Digo para ela que estou muito confusa, não consigo entender meu marido. Moramos juntos há um ano e meio e ainda não sei se você me ama. Na semana passada, brigamos de novo. Você me acusou de gastar seu dinheiro. Sempre dividimos as despesas e o dinheiro que eu gasto serve para a casa, o aluguel, a comida, a limpeza. Não gasto comigo. Quando quero gastar comigo, faço bico, faxina.

Não uso seu dinheiro. Às vezes, sinto que eu estaria melhor sozinha. Quando você está comigo, não está comigo, fica na internet, só o corpo presente. Você conversa no WhatsApp, tem altos papos com uma travesti, mas comigo não tem assunto. Só fala comigo para pedir favor, para tentar resolver alguma coisa por você. Sexo, a gente nem faz mais. Será que você está comigo por comodidade? Para ter um teto? Um porto seguro? Muita gente diz que é isso, porque você é venezuelano e quase não tem onde ficar no Brasil, não conhece ninguém direito, só eu e minha tia. Você sabe que ouço muito minha tia porque ela é como se fosse minha mãe, sempre me dando apoio. Pois bem, minha tia, que me aconselhou a te deixar morar comigo, foi a mesma pessoa que te falou para largar o celular e sair do Facebook, lembra? Ironia do destino que a gente tenha se conhecido pelo Face, em um sábado à noite. Na segunda-feira, você já tinha se mudado para a casa da minha tia. Eu nunca gostei de conhecer pessoas pelas redes sociais, tem muita vio-

lência nesse meio, principalmente contra mulheres trans. Nas poucas vezes que converso com alguém, vou logo dizendo que sou travesti, não quero ter problemas depois quando encontrar a pessoa. Mas, com você, não teve nenhum problema desse tipo, foi normal. Na verdade, achei que ia ser só uma aventura, mas ficamos juntos direto por dois meses. Foi bom, né? A gente saía juntos pelas ruas perto da casa que alugamos, você foi apresentado para minha família, eu passei a conversar com sua mãe e sua irmã por telefone. Então, fico achando que você gosta de mim um pouco pelo menos, porque sempre me assumiu. Tá vendo porque fico confusa? Numa hora, acho que você gosta de mim. Na outra, acho que se aproveita. E além disso, tem as decepções. A primeira aconteceu quando descobri seus xavecos nas redes sociais. Te mandei embora, mas acabamos ficando juntos de novo. Depois, teve aquela vez que te peguei transando com outra em casa? Eu estava toda feliz, tinha acabado de colocar silicone nos seios, queria te mostrar.

Nossa, aquilo me machucou demais. Mesmo assim, continuei com você. Acho que acreditei e ainda acredito às vezes que a gente pode viver bem e por muitos anos juntos. Por isso te agrado, puxo conversa, dou apoio emocional, estou sempre ao seu lado. No fundo, te acho uma boa pessoa, sei que é honesto e trabalhador e não tenho coragem de te colocar pra fora sabendo que não tem onde dormir. Não quero isso para ninguém. Já passei por essa situação na minha vida, já tive que sair de casa aos 17 anos de idade por causa do meu padrasto, que nunca gostou de mim, mal me tolerava. Eu evito chegar a esse ponto com você. Mas, agora, eu realmente estou desgastada, quero acabar com isso de vez. Você confundiu muito minha cabeça. A jornalista pergunta se eu tenho medo de ficar só. Não, não tenho. Nem tenho expectativa de encontrar um amor. Se eu te deixar, não quero mais morar com ninguém. A gente, que é trans, sabe que o amor não acontece na nossa vida. Se você não acredita, vai ver numa boate. Enquanto os homens gays estão se bei-

jando apenas um quer uma coisa séria com as trans. Por isso, te falo que não tenho esperança de arrumar um outro amor. Me acostumei a ser olhada como objeto sexual, não como uma pessoa. Será que é por isso que eu te suporto? Como eu sempre te digo: eu lavo a roupa, limpo a casa e faço comida para você. De graça, sem cobrar. As mulheres, hoje, não aguentam mais isso, Alberto. Fui eu que parei no tempo.

Carta de Camila



“Antes de eu sair de casa, bem nova ainda, meu pai queria que eu me tornasse guerrilheiro, como ele. Claro que isso nunca aconteceu. Já minha mãe me entendia. Acho que toda mãe entende, não é? Mas ela nunca pode enfrentar meu pai. Além do que, morreu muito cedo, de câncer. Eu tinha só 11 anos de idade. Passei a ser criada por uma tia.”

*Camila Marquezini, mulher trans,
cabeleireira, 36 anos, colombiana*

Carta para as mulheres trans do Brasil,

eu me chamo Camila, tenho 36 anos, sou cabeleireira, casada e católica. Como vocês, sou mulher trans. Nasci Jonatah na cidade de Medellin, na Colômbia. Um país da América do Sul também, mas bem diferente do Brasil. Onde nasci, existem as FARC, exército de guerrilheiros colombianos que combatem o governo. Meu pai fazia parte desse exército, ele era um paramilitar violento. Jamais aceitou que eu não fosse homem. Antes de eu sair de casa, bem nova ainda, meu pai queria que eu me tornasse guerrilheiro, como ele.

Claro que isso nunca aconteceu. Já minha mãe me entendia. Acho que toda mãe entende, não é? Mas ela nunca pode enfrentar meu pai. Além do que, morreu muito cedo, de câncer. Eu tinha só 11 anos de idade. Passei, então, a ser criada por uma tia, que me ajudou muito. Mas ela também morreu, assassinada pelo marido.

Maior um pouco, conheci uma amiga gay do Equador, um país vizinho da Colômbia. Foi com ela que aprendi minha profissão de cabeleireira. Trabalhei nela por muito tempo, 13, 14 anos. Passei pela fronteira da Colômbia para o Equador de carona com um tio dessa amiga, ele era uma das poucas pessoas com carro que eu conhecia. Depois da viagem, de deixar meu país, nunca mais vi meu pai nem tive notícia dele.

Em 2013, uma outra amiga me convidou para mudar de novo. Peguei minhas coisas e vim tentar a vida no Brasil. No começo, fiquei na casa do dono de um salão de beleza em São Paulo mas, depois de dois anos, percebi que eu não amava o cara. Saí da casa dele e,

um tempo depois, com a crise econômica, perdi o emprego. Sem trabalho, sem dinheiro, não consegui mais pagar aluguel e precisei ir para a rua. Fiquei dormindo em uma barraca, no meio de muita gente, no centro de São Paulo. Por sorte, ou pela graça de Deus, eu conheci um jovem sem teto. Ele não usava drogas, era um bom rapaz e passou a me proteger.

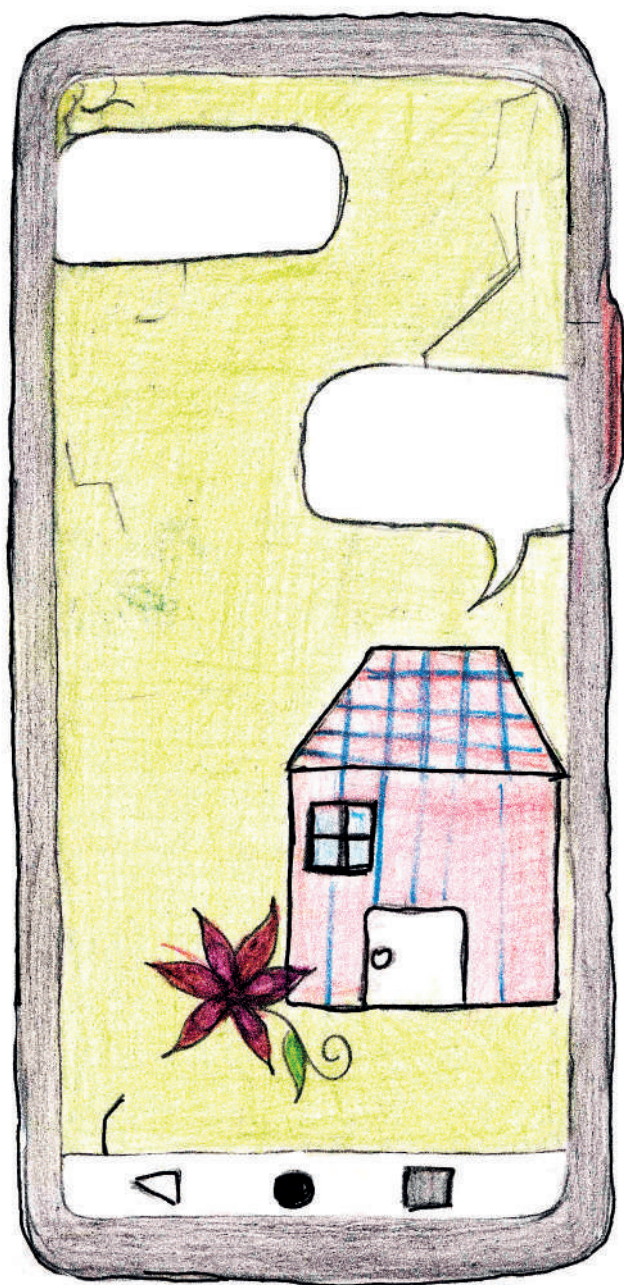
Vocês veem? Em um dos momentos mais difíceis da minha vida, na rua, eu conheci o meu grande amor. Ele não sabe ler, não sabe escrever, é uma pessoa simples. Mas não tem homem melhor. Estamos casados há três anos e eu agradeço a Jesus Cristo por ter colocado meu marido em minha vida.

Agradeço também por muita coisa que o Brasil me deu. Eu amo o Brasil, amo São Paulo.

Agora, eu moro com meu marido e tenho muita esperança de nossa vida melhorar. Estou trabalhando em um salão de novo, meu marido faz bicos e traz dinheiro para casa. Se tudo der certo, vou conseguir minha cidadania, abrir meu próprio salão e voltar a

estudar. Meu sonho é ser assistente social. isso que eu digo para vocês, brasileiras, não tem outro país que te dá marmita de graça e cama para dormir. É no abrigo? É. Mas a cama é quente e você não paga por ela. Não tem outro país que dá uma cesta básica para uma mulher trans, como acontece aqui [no Centro de Cidadania LGBTI Claudia Wonder]. Vocês, mulheres brasileiras, reclamam demais. Em outros lugares, não contamos com ajuda nenhuma. De ninguém.

Carta de Carla



“No bairro onde moro hoje frequento uma praça que pega wi-fi. Lá, conheci pessoas que eu chamo de influencers, pessoas acolhedoras, hospitaleiras, com planos e perspectiva de vida. Conviver com essas elas me dá a esperança de também criar planos para o futuro. Tenho planos, por exemplo, de parar de beber”

*Carla Trindade dos Santos, mulher trans,
estudante, 27 anos, maranhense*

Carta para um amigo,

venho através desta carta falar-lhe um pouco da minha história. História louca, de contradições e de contravenções. Sou uma mulher trans, de 27 anos, que vive em São Paulo. Moro em uma pensão e sobrevivo com a venda de bijuterias que compro no centro da cidade. Divido o quarto com outra mulher trans e me considero em um momento de mudança. Mudança para uma vida melhor que tenho desejado faz tempo. Mas você não conhece o começo da minha vida. Vou contar agora. Quando eu era criança, tive uma infância gostosa na minha casa em São Luiz do Maranhão.

Sei que muitas trans não tiveram essa sorte. Mas minha infância foi plena, feliz. Não que minha família não notasse que tinha algo diferente em mim, notava. Mas eu tinha um amigo inseparável, meu irmão, dois anos mais velho do que eu. Éramos tão grudados que ficava difícil saber quem era um e quem era outro.

Nossa separação foi o que mais doeu quando tudo que era bom ficou ruim de repente.

Aos 8, 9 anos de idade, a vaidade, a feminilidade, estavam aflorando em mim. Na TV, eu via mulheres que me inspiravam, Madonna, Cher, Xuxa. Queria ser igual a elas, queria imitá-las, andar rebolando, ter trejeitos de diva. Desse jeito, começou o afastamento do meu irmão, a maneira como ele foi se perdendo para mim e eu, me perdendo para ele.

Viadinho, bichinha. Era assim que eu era chamada na escola e pelos amigos do meu irmão. Eu me sentia culpada, achava que estava prejudicando meu grande amigo. Isso confundiu minha cabeça e eu me fiz passar por hetero várias vezes para agradá-lo. Quis

brincar de coisas masculinas, jogar bola, brincadeiras de moleque. Tudo para chamar a atenção dele, para trazê-lo de volta. Mas ele não entendia os próprios sentimentos, eu acho. Ficava bravo comigo, tinha vergonha, se sentia mal com ele mesmo.

Quando eu tinha 12 anos de idade, meu irmão parou de falar comigo. Ele tinha 14. Na mesma época, meus amigos também pararam de falar comigo. Deixei de ir à escola. Saía de casa no horário certo, mas ficava andando e enrolando, fugindo dos trotes e das pegadinhas. Minha mãe, que tinha sido abandonada pelo meu pai – ele era casado e tinha outra família –, não se interessou muito pela minha evasão. Hoje, considero que ela foi omissa. Eu tinha um grande potencial como estudante. Durante três anos, por grande parte da minha adolescência, eu vegetei. Só queria dormir e não acordar mais. Perdi a fé, minha vida tinha desmoronado, se desfeito.

Meu amigo, você vai ver que minha história é feita desses ciclos. Afundo e volto para a vida. Essa, então,

foi a primeira vez. Eu tive um estalo de vida quando vi um grupo de travestis na rua, perto do terreiro de candomblé que passei a frequentar. Aliás, foi no candomblé que comecei a me aceitar como homossexual. Não que no candomblé não haja um preconceito em relação à transexualidade, mas pelo menos a homossexualidade não era vista como coisa do diabo.

Quando vi as travestis se arrumando para trabalhar na prostituição, percebi quem eu queria ser, queria me montar como uma mulher. As travestir me ensinaram o básico, como me maquiar, usar peruca, combinar roupas... Depois disso, eu me transformei no que sou: a Carla.

Deixei minha casa, minha família e minha cidade. Vim para São Paulo com a passagem paga por cafetinas, mulheres trans que trazem outras mulheres trans do interior para trabalhar na prostituição. Disse à minha mãe que ia passar o fim de semana na casa de uma amiga e, na verdade, passei anos sem dar notícias. Foi assim que começou o segundo ciclo, que eu

vou resumir aqui porque a história é muito comprida. Trabalhei para pagar o silicone nos seios em uma clínica do Ceará. Trabalhei para me sustentar. Aprendi que nós, trans, somos uma comunidade fechada. Não que não exista rivalidade, existe. Mas o que uma fica sabendo, todas vão saber. Qual médico faz cirurgia e quanto cobra, por exemplo. Os que são açougueiros e deformam, os que são bons... Aprendi a nossa língua, o pajubá.

Passei a trabalhar no cinema e na Estação da Luz, em São Paulo. Foi lá que conheci minha grande paixão, um homem que parecia um príncipe. Mas não era, ele não tinha nada de príncipe.

Com ele, comecei a beber e a me drogar. Deixei o trabalho, fui viver na kitinete que ele alugava. Depois de pouco tempo, ele foi embora e me deixou com o aluguel atrasado. De uma hora para a outra, eu estava sem casa e deprimida. Passei a viajar de cidade em cidade, com uma garrafa de cachaça na mão, que eu enchia de etanol nos postos das estradas. Não tinha

vontade de fazer nada, apenas de beber e de me drogar.

Acabei em albergues, onde eu me sentia na cadeia, tendo que dormir com homens, tomar banho com eles, como se eu fosse igual. Estava me sentindo cada vez mais triste, desamparada, suja, com piolho. Foi quando conheci algumas meninas, que também estavam em situação de rua. Elas me orientaram: onde eu poderia tomar banho, onde eu poderia me alimentar, onde eu poderia ter o mínimo de cuidado e de segurança. Pessoas em situação de rua são mais amigas do que amigos de infância, de bairro e de vizinhança. Por causa delas, percebi que não estava só em São Paulo, como eu pensava.

Olha eu de novo falando de amigos, os que perdi e os que ganhei.

Então, acho que estou no terceiro ciclo da minha vida. No bairro onde moro hoje, frequento uma praça que pega wifi. Lá, conheci pessoas que eu chamo de

influencers, pessoas acolhedoras, hospitaleiras, com planos e perspectiva de vida. Conviver com essas elas me dá a esperança de também criar planos para o futuro. Tenho planos, por exemplo, de parar de beber. Cachaça, álcool puro, já não bebo. Só cerveja e só de vez em quando. Na verdade, tenho pensado muito nisso. Acho que não sou alcoólatra e viciada em drogas de verdade, me deixei levar pelo meio, era um jeito de me anestesiar. Há seis meses, vi a foto, no Facebook, de uma amiga que bebia muito, mais do que eu. No post, ela estava ótima, tinha se mudado de país, estava tirando carteira para dirigir. A história dela me inspirou muito. Se ela podia, eu também podia.

Não faço mais programas. No mundo da prostituição, os homens procuram trans que sejam ativas. Eu não tenho ereção e ficou pior com os hormônios que tenho tomado. Com hormônios femininos e bloqueador de testosterona, simplesmente não consigo. Mas também são esses hormônios que me deixam mais suave, mais delicada, mais feminina, mais chorona.

Acho incrível a sensibilidade que vem junto. Adoro isso, porque é assim que eu deveria ser.

Uma vez por semana, eu saio de casa, no bairro do Cambuci, e venho andando para cá, onde no Centro Claudia Wonder, onde estou ditando esta carta. São vinte minutos até Praça da República, mais trinta até o fim da Avenida São João. Mais trinta minutos pela Avenida Francisco Matarazzo e trinta para chegar aqui. Faço isso desde dezembro de 2020, quando saí da Casa Florescer 2, um centro de acolhimento para mulheres trans. Venho, na rua, fumando um baseado, olhando as paisagens e pensando no futuro, agora que eu tenho um. Você não sabia, mas me matriculei na escola para terminar o ensino fundamental. Eu tinha parado na sétima série.

Quero terminar os estudos e ter uma formação acadêmica. Talvez um curso na área visual, porque gosto muito de fotografar. Ou uma faculdade de assistência social. Não penso em riquezas, sempre gostei da vida mais simples. Mesmo que eu não consiga uma

carreira estabilizada, penso que o mais importante é chegar aonde eu sempre quis: ser uma mulher trans-formada.

Espero que esta carta te encontre bem.

Carta de Eloá



*“Eu acho divertido. Eu acho graça. Vocês, heterossexuais, não estão ma-
duros para entender quem a gente é e
o que a gente sente. Se todas as mu-
lheres trans pudessem dizer o que sen-
tem... Temos que ser o que queremos
ser, o que gostamos de ser. Tem muita
gente que não entende isso.”*

*Eloá Esthefanny da Silva Fernandes, mulher
trans, profissional do sexo, 26 anos, paraense*

Carta aos heterossexuais,

aos 10 anos de idade, fui deixada sozinha na casa da minha família, em Belém do Pará. Sou a caçula de seis e meus irmãos já tinham ido embora quando minha mãe se casou de novo e me abandonou para viver com o novo marido. Os vizinhos me ajudavam, os amigos também e fui ficando lá, me virando como podia. Aos 11 anos, comecei a me prostituir, eu era bem grandona. Aos 13, acabei indo morar com uma das minhas irmãs, no interior, em Santa Isabel do Pará, porque a casa da família precisou ser vendida. Fiquei só dois meses com ela, logo me mudei para a casa da minha avó.

Minha avó falava para eu não fazer programas, aconselhava que eu voltasse a estudar. Mas na escola eu passava muito preconceito. Me trancavam no banheiro, me chamavam de viado. Fui desanimando e faltando às aulas cada vez mais. A prostituição era o que dava dinheiro para comer e, quando fiquei maior de idade, foi a prostituição que me deu dinheiro para colocar prótese, que era meu sonho.

Vim colocar os seios em São Paulo. Fiquei na casa de uma amiga paraense que já morava aqui fazia um tempo. Foi ela quem me ensinou tudo, principalmente como me defender das travestis que não aceitavam as novas ou as mais bonitas. Tenho três cicatrizes de faca por causa de recalque. Por ganhar mais que as outras. A vida na rua não é fácil, a gente sofre, tem muita rivalidade, a gente pode pegar uma doença, um cliente violento. Mas é um trabalho, uma maneira de ganhar a vida. Os homens nos procuram dizendo que mulheres são chatas, não sabem fazer nada. Nós, travestis, somos mais carinhosas e educadas. Eu acho

divertido.

Eu acho graça. Vocês, heterossexuais, não estão maduros para entender quem a gente é e o que a gente sente. Se todas as mulheres trans pudessem dizer o que sentem... Temos que ser o que queremos ser, o que gostamos de ser. Tem muita gente que não entende isso.

Eu me sinto uma mulher, sempre foi assim. Meu marido diz que sou uma mulher para ele. E se alguém me ofende, ele me protege. Me apaixonei por ele por causa do caráter, do carinho que ele me dá. Quando saímos, os amigos dele me tratam normal. Sou bem feminina, pouca gente me identifica como trans. Também convidei a família dele para almoçar em casa, num dia de Páscoa, e correu tudo bem.

Por enquanto, vou vivendo. Tenho 26 anos só, sei que sou jovem ainda. Antigamente, eu pensava que fazer programa era errado, mas hoje encaro como um trabalho qualquer. Quem vai aceitar a gente como vendedora de loja de roupa, por exemplo?

Moro com o Fernando há quatro anos. Ele tem uma tabacaria e sustenta a casa. Implica quando eu faço programa e pede que eu pare. Mesmo tendo uma cabeça diferente da maioria, o Fernando não entende que é só trabalho. Um dia, quem sabe, ele muda.

Tenho sonhos, como todo mundo. Nos meus sonhos, vou estudar para ser técnica de enfermagem e conseguir pagar a cirurgia de redesignação sexual. No futuro, quero dividir uma casinha com o Fernando, minha própria casa, adotar um bebê e ser muito feliz.

Carta de Isabela



“Naquela época, eu me chamava Fabrício e fazia parte do grupo de cinco alunos viados da escola agrícola, aqueles para quem você prometeu transferência para o colégio da cidade e, em vez de cumprir a palavra, veio com a expulsão, logo após nos dedurar para as nossas mães.”

Isabela Fafá da Silva do Nascimento, mulher trans, comerciante, 40 anos, cearense

Carta à diretora L.,*

a última vez que te vi faz muito tempo. Eu tinha 14 anos e agora estou com 40, então é só fazer as contas. Mas sei que você continua dirigindo a mesma escola onde eu estudava, próxima à Fortaleza, a cidade onde nasci e para onde voltei poucas vezes. Hoje, vivo em São Paulo e estou aqui, em uma entidade que ajuda mulheres trans e homossexuais. Estou contando minha história a uma jornalista e ela perguntou se eu não queria escrever uma carta. Talvez para alguém com quem eu gostasse de desabafar, revelar meus sentimentos ou acertar contas, ela sugeriu. Mãe, pai, namorado? Não, eu disse, tenho alguém. É você.

Nunca te esqueci. Até hoje, quando bebo, quero te ligar. Tentei uma vez. Te liguei de Portugal, um dia antes de ser deportada, e fui bem pouco educada. Eu estava loucona. Não consegui te contar nada, só te xinguei e te ameacei. Então, é isso o que eu vou fazer nesta carta: contar o que acontecia comigo na escola. Não sei se você vai se lembrar de mim, fiquei lá só um ano. Naquela época, eu me chamava Fabrício e fazia parte do grupo de cinco alunos viados da escola agrícola, aqueles para quem você prometeu transferência para o colégio da cidade e, em vez de cumprir a palavra, veio com a expulsão, logo após nos dedurar para as nossas mães. Um dos meus amigos apanhou na frente de todo mundo depois que você conversou com a mãe dele. Contou a ela que o menino brincava de boneca de milho com a gente. As mesmas bonecas que você tirava da nossa mão quando nos pegava brincando. Eu fiquei morrendo de medo na hora em que você chamou a minha mãe, que também estava na fila, esperando a vez dela. Mas quando saiu

da conversa com você, ela me abraçou. Disse que me amava daquele jeito mesmo. Você nunca vai entender isso, não é? Porque você não sabia amar nenhuma criança. Dava tapas na cara, ameaçava de expulsão o tempo todo. Você era uma mulher má. Depois desse dia, minha mãe ficou ainda mais dependente do álcool. Nossa, saudade da minha mãe. Nunca me reprimiu por causa do meu jeito, apesar de ter me colocado no internato porque imaginava que eu ia aprender a ler, a escrever e a ser mais macho com os outros alunos. Mas não fiquei mais macho. Bem pelo contrário. Hoje, sou mulher.

Sua escola, diretora, ficava numa casa grande de fazenda onde moravam 40 meninos. Alguns iam para casa uma vez por semana, alguns quase não saíam de lá. Eu visitava minha família na cidade de 15 em 15 dias.

Nunca contei para eles o que realmente acontecia. Morria de medo do R. Lembra dele, o monitor, que dormia na fazenda com a gente? Ainda está por aí?

Espero que não. R. foi o pior homem que conheci, um demônio. A gente passava o dia trabalhando, mesmo as crianças menores. Capinava embaixo do sol quente, matava porco no meio de uma piscina de sangue, cuidava das vacas e da horta. A cada mês, um grupo de alunos assumia um setor diferente na fazenda. Parecia escravidão.

Mas o pior eram os abusos. R. abusou de muitos meninos. Quando não era ele, eram os outros meninos que faziam isso a mando do R. Eu era a única homossexual que dormia na casa grande, os outros só estudavam comigo na escola agrícola. Então, quando acabava a aula, à noite, eu tinha que andar uma distância grande da escola até a casa da fazenda, no escuro, numa estradinha no meio do mato. Eu morria de medo e por isso, assim que acabava a aula, tinha que sair correndo. Mas um dia, quatro meninos me pegaram depois que eu escorreguei no barro e rasguei o pé no arame. Eles tiraram minha roupa e me estupraram. Era esse tipo de coisa que acontecia lá, dire-

tora, e o R. adorava. Ele era um sádico, usava raquete de pingue pongue para bater nas crianças. Ameaçava a gente dizendo que, se a família soubesse, ele matava. Como você deixou isso acontecer? Não vou te perdoar nunca.

Minha vida não foi fácil. Me arrependo de ter largado os estudos para acompanhar uns amigos quando eu já estava com uns 20 anos de idade. Foi quando eu comecei a sair com outros homossexuais. Eles eram da pá virada, soltos na vida. Me envolvi com drogas, fui trazida por cafetinas aqui para São Paulo, para me prostituir. Contra a minha vontade, porque vim achando que ia trabalhar em um salão de cabeleireira. Tive momentos bons, mas passei por muita coisa e ainda hoje estou em uma situação ruim. Moro com um homem dependente de drogas e álcool. Ele sempre me coloca para baixo e eu ainda não consegui entender por que estou ao lado dele. Mas as coisas que eu fiz como adulta são da minha conta. O que fizeram comigo quando eu era criança e adolescente é que

continuam a me perturbar.

Queria ter poder para denunciar vocês, para impedir que outras crianças sofram o que eu sofri na casa grande. Não tenho este poder, mas contar minha história nesta carta me fez bem. Foi a primeira vez que contei a história toda, acredita, diretora? Quem sabe, um dia, você também vai ter coragem para se confessar.

*Os nomes das pessoas citadas foram abreviados enquanto se espera que transcorra uma denúncia formal de maus-tratos à justiça.

Carta de Janaína



“Eu te dei banho, te dei comida, tratei de você como se trata de um bebê. Até sua morte, você só chorava e me pedia perdão. Eu te perdoei, te disse que esperei a minha vida inteira para poder te abraçar. Te disse que te amava, apesar de você não ter me aceitado, de nunca ter me dado o amor de pai que eu esperava.”

*Janaína Brito Barreiras, mulher trans,
ex-profissional do sexo, 45 anos, paraense.*

*Carta para o meu pai,
João Brito Barreiras,*

pai, há três anos, você estava morrendo. Câncer, tuberculose, diabetes, tudo junto. Ninguém quis cuidar de você, com medo do contágio. Nem minha mãe pôde fazer isso, ela já estava velha e fraca. Mas quando ela me ligou pedindo ajuda, eu fui. Deixei São Paulo, onde moro, e fui para Belém do Pará, para a sua casa, de onde saí me sentindo tão rejeitada por você.

Quando você me viu, de cabelão comprido, não me reconheceu. Tomo hormônio desde os 11 anos, tenho 8,5 litros de silicone industrial no corpo, aplicados sem anestesia. Eu estava bem diferente.

Minha mãe disse: é sua filha, Janaína. E pediu que não me chamasse de Jair porque eu era o único filho, dos oito que você tinha, que iria cuidar de você. O único que aceitou fazer isso, pai.

Eu te dei banho, te dei comida, tratei de você como se trata de um bebê. Até sua morte, você só chorava e me pedia perdão. Eu te perdoei, te disse que esperei a minha vida inteira para poder te abraçar. Te disse que te amava, apesar de você não ter me aceitado, de nunca ter me dado o amor de pai que eu esperava.

Contei tudo para você. Que, quando eu era criança, não entendia por que você não me olhava como olhava para os meus outros irmãos. Por que eu ganhava lembrancinhas de Natal e meus irmãos ganhavam brinquedos, presentes de verdade? Por que você me castigava tanto, tudo era motivo para eu ajoelhar no

milho? Por que ficou pior quando você soube que meu sonho era ser aquele homem que se vestia de mulher no programa do Silvio Santos? Eu tinha apenas 11 anos e você disse: “Meu Deus, mais um sangue ruim meu jogado no esgoto”.

Nunca entendi. Será que foi porque você era militar? Ou porque a tribo indígena do qual você descende não aceita homossexuais? Será que era medo que eu sofresse violência por ser diferente? Era medo, pai?

Contei dos meus perrengues. Aos 15 anos, eu estava na estrada, pegando carona, fugindo de você e da minha cidade. Falei da minha vida em São Paulo, como fiquei morando na casa de uma cafetina por quase trinta anos, fazendo programas, doze por dia, para pagar a comida e o quarto. Nunca gostei de fazer programas, te disse isso também. Mas não havia jeito de me livrar daquilo, parecia uma escravidão. Toda vez que eu pensava em sair da casa dela, tinha alguma conta nova para pagar.

Apanhava dos amigos dela quando fugia. Caía na be-

bida, oito corotes por dia, nas drogas, muita cocaína. Te mostrei meus machucados, as marcas na cabeça feitas pela polícia.

Você chorou muito e me abraçou. Pai, isso era tudo que eu queria: seu amor. Enquanto conto essa história, que vai virar uma carta para você, eu também estou chorando. De alegria, porque tive a oportunidade de cuidar de você e dizer tudo que eu queria. Pena que foi no leito de morte, queria tanto que fosse em outra situação.

Agora, estou bem. Faz sete meses que consegui me livrar da cafetina. Dessa vez, ameacei chamar a polícia se ela me segurasse, e deu certo. Estou curada da síndrome do pânico e da depressão, tenho um quarto que um casal de idosos me emprestou. Em troca, eu cuido deles, faço compras de supermercado, ajudo na limpeza da casa. Voltei a estudar, pai, e agora consigo ver as letras formando palavras na minha frente. Estou aprendendo contas de matemática também. Não faço programas mais. Se preciso de dinheiro, vendo

bala no no farol e faço bicos de limpeza. Também ganho comida na escola e cesta básica aqui no Centro [Centro de Cidadania LGBTI Claudia Wonder]. Estou cursando uma oficina de empreendedorismo, quero abrir uma barraquinha com lanches, doces, churrasquinho. Cozinho bem, aprendi com minha mãe.

Quando fico com fissura de drogas, começo a me lembrar das coisas ruins que não quero passar de novo e das coisas boas que estão acontecendo. Converso com Deus, ocupo minha mente. De uma coisa, eu tenho certeza: não quero voltar para as ruas, pretendo terminar meus estudos, comprar meu barraco. Eu, Jair, nome social Janaína, vou lutar para conseguir o que sempre quis.

Carta de Paola



“[Eu] Dizia que elas não precisavam ser prostitutas. Ou cabeleireiras. Ou maquiadoras. Ou camareiras em saunas, como eu fui. Não que essas profissões não mereçam respeito. Mas, hoje, as meninas trans podem querer ser professoras, cantoras, enfermeiras.”

*Paola Souza Falcão, mulher trans,
repcionista, 44 anos*

Carta para Luis, meu grande amigo,

you desencarnou há algum tempo, mas não deixo de sentir saudade. Nesta carta, quero dizer o quanto me sinto grata pelos seus ensinamentos. Quando te conheci, eu ainda era bem católica, de ter feito primeira comunhão e tudo. Mas já sentia que aquela religião não funcionava para mim. Eu era homossexual, sempre fui, desde pequena, então cresci ouvindo padres falando que o que eu sentia e desejava era errado.

Por outro lado, sempre tive uma grande busca por espiritualidade e acabei procurando o seu terreiro, do culto afro nagô-vodun, em Belém do Pará. Aprendi muita coisa com você, inclusive que vodun quer dizer entidade e que Exu e Pomba Gira não são criaturas do mal, não são diabo, com chifre e rabo; Exus são mensageiros e Pombas Giras são conselheiras. Quer coisa mais linda? Apesar do preconceito das pessoas, a verdade é que eles são entidades de luz.

Eu tinha 23, 24 anos quando te conheci? Não sei direito, mas sei que estava bem perdida e foi para você que eu consegui dizer que não aguentava mais viver naquele corpo de homem. Eu era o tipo de gay discreta, ainda não tinha assumido minha identidade feminina. A única coisa que saltava aos olhos era minha vaidade. Vestia roupa de menino, mas fazia sobancelha e alisava o cabelo. Nossa, eu era – e ainda sou – muito vaidosa. Me deslumbrava fácil com as coisas e você me fez colocar os pés no chão muitas vezes.

Você, Luis, me entendeu. Não me criticou, me ouviu e

me acolheu. Disse apenas para eu ter certeza do que queria, porque a decisão que eu tomaria seria um caminho sem volta. Usei hormônios para ficar menos masculina, sonhei em colocar próteses de silicone no seio – o que só fui conseguir aos 30 anos de idade, graças ao dinheiro da herança deixada pelo meu pai. Custou caro. Mesmo assim, não havia outro jeito. Fui em busca do que sou.

Tenho 44 anos e vivo em São Paulo agora. Saí de Belém para trabalhar e sobrevivi nas ruas, como quase toda mulher trans. Depois, fui trabalhar em privê. Sabe o que é? Você põe anúncio no jornal e na internet e atende em casa. No meu caso, um sobrado na rua Bento Freitas, no centro da cidade, onde eu tinha um quarto. O que eu recebia, dividia com a cafetina. Era melhor do que trabalhar na rua, mas eu não conseguia trabalhar muito, atendia uma média de quatro, cinco por dia. Sexo era difícil para mim, me esvaziava por dentro. Quase ninguém sabia sobre essa época da minha vida, nem minha família.

Minhas irmãs levaram um susto quando contei a história no Facebook, uma vez. Chegou uma época, eu já tinha uns 15 anos, em que ele ficou ciumento, não queria que eu tivesse amizade nenhuma, me ameaçava de morte, dizia que ia me matar e me jogar no mato. Eu saía de casa apavorada, olhando para a casa da frente, a casa dele, morrendo de medo. Aquilo me traumatizou tanto que nunca consegui me relacionar direito com pessoa nenhuma. Só namorei duas vezes, depois de adulta, e sempre tive medo de que os relacionamentos fossem abusivos, por isso nunca deu certo e acho que nunca vai dar. Prefiro ficar longe de relacionamentos, qualquer ceninha de ciúme me deixa apavorada.

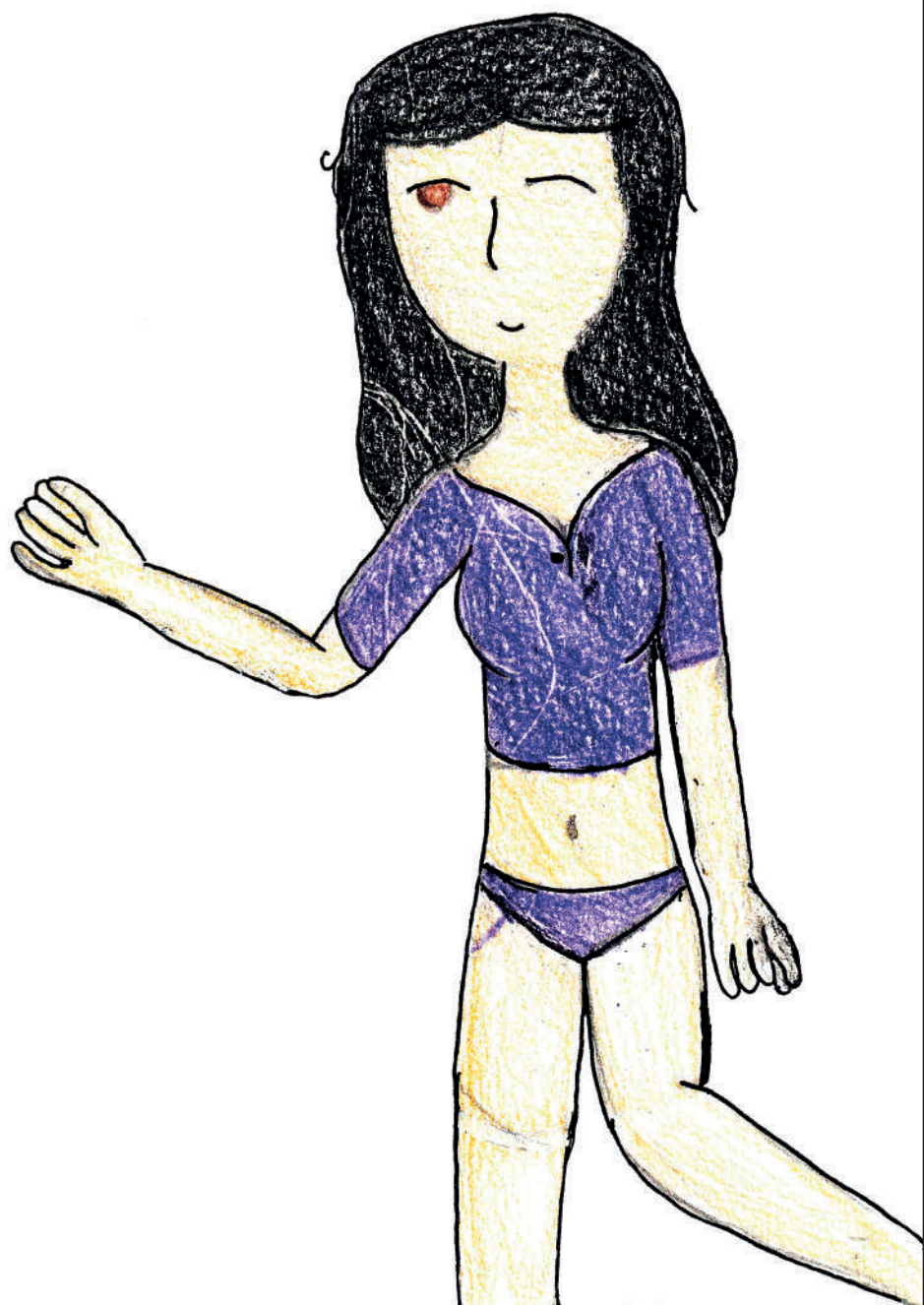
Então, acho que você pode imaginar como eu fiquei feliz quando fui empregada como camareira, em um hotel e sauna gay, e pude deixar de trabalhar como privê. O dono do hotel contratava travestis e fiquei lá por cinco anos. Depois, fui trabalhar em um sex shop. Aí, veio a pandemia, em 2020, e eu fiquei sem em-

prego. Para não viver na rua, consegui uma vaga na casa de acolhimento Florescer, no centro da cidade. Parecia que tudo estava acontecendo de novo. Eu, no meio de muitas trans, em uma situação de miséria. Mas tinha uma diferença importante, dessa vez eu era experiente, podia aconselhar as meninas que tinham acabado de chegar e não sabiam nada da vida. Dizia que elas não precisavam ser prostitutas. Ou cabeleireiras. Ou maquiadoras. Ou camareiras em saunas, como eu fui. Não que essas profissões não mereçam respeito. Mas, hoje, as meninas trans podem querer ser professoras, cantoras, enfermeiras. Sei lá, podem ser qualquer coisa. Elas precisam saber disso para se valorizar. E a gente precisa ajudar.

Mais uma vez, agradeço a você por ter me aberto os olhos para a solidariedade e a militância. Lembra daquela caminhada que fizemos nas ruas de Belém com afro religiosos, cadeirantes, o pessoal do hip hop? Você era capaz de reunir todo mundo, valorizar os excluídos. Um grande mestre. Vou encerrar esta carta

de um jeito bom. A pandemia continua mas, há quatro meses, consegui um emprego como recepcionista em outra casa que acolhe população LGBTI, o Centro de Cidadania LGBTI Claudia Wonder. Moro em uma kitinete agora. Divido com uma senhora muito legal. A jornalista que está pegando meu depoimento me pergunta o que eu imagino do meu futuro. Não me imagino namorando ou casada. Acho que isso não vai acontecer, sinto que todos que se aproximaram acabaram abusando sexualmente de mim. Mas consigo me imaginar ajudando as meninas, lutando por uma vida melhor para elas. Essa é a visão de futuro que me deixa em paz.

Carta de Roberta



“As pessoas de Libra, como eu, são regidas por Vênus, a deusa do amor. Vai ver que é por isso que eu seduzo os bofes com meu olhar 43. Mas, sem brincadeira, eu acredito que a gente não escolhe gostar. Se escolhesse, tinha arrumado um velho rico para cuidar de mim. Quer saber a verdade? Parece que eu chamo os homens como você, de vida louca, sem juízo.”

Roberta Rezende Coelho, mulher trans, recepcionista e cabeleireira, 31 anos, mineira

Carta para meu querido Jian,

eu já te disse: um dia, vou me casar com você. E vai ser para sempre, porque é desse jeito que acredito no amor. Você é complicado, mas me completa, sua loucura me completa. Estar com você é ter carinho e dar risada. Andar de mãos dadas na rua, não sentir que alguém tem vergonha por estar ao meu lado.

Mas tá difícil, hein? Quando te conheci, você tinha acabado de sair da prisão. Já era do crime, sempre rebelde, né? A gente logo se apaixonou, foi morar junto, eu conheci sua família e sua mãe, minha sogrinha que faz uma comida maravilhosa. Aliás, vou almoçar com ela amanhã.

Morar com você foi um tempo bom demais, apesar das brigas porque você não parava quieto em casa, precisava aprontar com os amigos. Mas nem bem os móveis da nossa casinha chegaram e você estava preso, cumprindo pena porque tentou roubar um celular. Doutra vez, você pulou o muro, fugiu da cadeia e veio me visitar. Bem que podia ficar quieto em casa, mas arrumou de vender droga no centro e acabou preso de novo.

Foi uma devassa na minha vida. Perdi o chão, você sabe. Eu não gosto de julgar, eu também já me meti com drogas, mas você é muito moleque mesmo! Não te abandonei, fico indo te visitar, ditando esta carta para você... Mas olha, toma cuidado. Dê valor ao que

tem, depois que perde, não adianta mais. Você está se perdendo. E, se perdendo, você me perde. Gosto de ser livre, mas não gosto de ficar sozinha. Depois da sua prisão, passei a viver em uma pensão de mulheres. Sou a única trans, mas sou tratada igual, sem problemas.

As pessoas de Libra, como eu, são regidas por Vênus, a deusa do amor. Vai ver que é por isso que eu seduzo os bofes com meu olhar 43 [risadas]. Mas, sem brincadeira, eu acredito que a gente não escolhe gostar. Se escolhesse, tinha arrumado um velho rico para cuidar de mim. Quer saber a verdade? Parece que eu chamo os homens como você, de vida louca, sem juízo. Eles vêm atrás de mim como um rato atrás de um pedacinho de queijo.

Em 2013, me casei pela primeira vez. O Juliano foi uma das melhores pessoas que passaram na minha vida. Trabalhador, me dava presentes bons, me levava para passear, sustentava a casa que a gente tinha em Sete Lagoas [Minas Gerais], onde eu nasci. Mas ele

morreu logo, de overdose de cocaína.

Com o Romário, o casamento durou pouco, ele era muito moleção. Enquanto eu trabalhava no salão, ele ficava na rua, conversando e fumando maconha. Depois, veio o José, que era muito trabalhador. Vivemos juntos dois anos, mas o casamento era conturbado porque, além de usar drogas, ele era alcoólatra. Homem bêbado é chato demais.

Então, foram três casamentos. Não posso reclamar. Com o primeiro, consegui parar de me prostituir. Fiz um curso de cabeleireira, minha profissão por muito tempo, até a pandemia, quando perdi o emprego e passei a viver de bicos e de cestas básicas de programas de assistência social.

A prostituição de mulheres trans e travestis é aquela velha história: a menina vem para a cidade grande com muita promessa de cafetina e acaba na escravidão. No meu caso, quando saí do interior de Minas Gerais e fui para Campinas, em São Paulo, aos 18 anos, eu estava começando a transição. Antes de me

casar, morei em várias casas de cafetina. Cada casa tem o seu sistema, suas regras. Algumas são boas, outras, bem ruins. As boas dão uma alimentação melhor, um dia de folga para a menina poder descansar. As ruins têm seus capangas para bater na gente. Essas cafetinas inventam contas que ninguém consegue pagar, cobram por qualquer coisa, multam as bichas por deixar um copo sujo na pia, por discutir com uma colega... Mas elas ganham dinheiro mesmo com a estética, silicone, megahair, cirurgia plástica. Se elas financiam um silicone nos seios que custa 7 mil, vão te cobrar 14 mil. Para pagar tudo isso e se libertar, você tem que ter uma meta, um número de programas por dia para bancar as despesas, o táxi, a comida, a diária na casa da cafetina, as roupas, a estética. Eu sempre fui muito certinha nesse aspecto, sempre tive uma meta e paguei as contas direitinho. Por isso, quando saí, não deu problema.

Mas não é que eu seja santa. Fui presa em Campinas, roubava clientes, batia neles, quebrava carros. Eu via

as bichas fazendo e fazia igual. Estava na brisa de cocaína e tinha muita raiva na época. A prisão foi horrível, fiquei numa prisão de homens por um ano e só sobrevivi porque uma amiga, que já faleceu, me protegeu muito lá dentro. Quando penso em você, Jian, tenho esperança de te ajudar com meus conselhos, porque já estive no mal caminho também. Sei que você teve muitos problemas, que viveu largado, como eu vivi. Eu te entendo, não te julgo. Só quero que você saia da prisão e não volte mais para lá.

Quero deixar de ranger os dentes para sorrir.

Equipe do Centro de Cidadania LGBTI
Claudia Wonder

Coordenador:
Rogério de Oliveira

Comunicação:
Isabel Pereira

Administrativo:
Cleber Machado

Assistentes Sociais:
José Carlos Da Silva & Tatiana de Araujo

Psicólogos:
Victor Mecatti & H. Pietro Hernandes

Pedagoga:
Mayara Dias

Advogado:
Felipe Daier

Articuladores Sociais:
Alcione de Carvalho & Douglas Mariano

Recepção:
Roberta Coelho

Operacional:
Sandra Maria



**Centro de Cidadania
LGBTI Claudia Wonder**

Av. Ricardo Medina Filho, 603,
Lapa, São Paulo

Instagram:
@cclgbtioeste
@casarao_brasil

Parceria



**CASARÃO
BRASIL**
Associação LGBTI

Realização

